

- HOME
- PRIMEIRA
- OPINIAO
- LOCAL
- ACTUAL
- ENTRETENIMENTO
- CAMBIO
- TEMPO
- ÚLTIMA
- PUBLICIDADE

JTM Online

- EDIÇÕES ANTERIORES

procurar JTM

Pesquisar



SHARE



MACAENSES DA DIÁSPORA PASSEARAM NO CENTRO HISTÓRICO

Memórias pelos caminhos do Património

Mexem as memórias para encontrar uma Macau de outros tempos. Agora aumentou em altura, deu passos largos e encolheu as ruas com tantos visitantes. O friso onde faziam corridas de carros com os amigos é já uma zona inclinada, os prédios curtos deram pulos para o céu e a subida para a Fortaleza do Monte já não é um simples trilho. Ontem, durante um passeio pela zona histórica, os macaenses da Diáspora viajaram na diferença e guiaram-nos pelas suas infâncias

FÁTIMA ALMEIDA

Nos tempos de menina de Gabriela Córdova, quando ainda deslizava de bicicleta sobre um muro que dividia a terra e o mar, o Museu de Macau não existia. “Era um lugar ermo”, recorda. O território está “muito diferente”. As Ruínas de S. Paulo “não tinham aquela parte de trás e aquela parte dos jardins para ir para a Fortaleza do Monte não era assim tão bonita, tão arborizada e tratada”, expressou durante o passeio que levou participantes do Encontro das Comunidades Macaenses a visitar as Ruínas de São Paulo, a Fortaleza do Monte, a Igreja de São Domingos e a Casa de Lou Kau. Ainda que não tenha muita “lembrança” de visitar a Fortaleza do Monte na altura em que morava em Macau, as diferenças são evidentes. Gabie Córdova, como é conhecida, viveu no território até aos 18 anos, idade que a levou para Hong Kong. Uma década depois a distância para com Macau cresceu, uma vez que se mudou para o Brasil. Esteve presente no Encontro anterior e perante o olhar encontrou já um destino que não parecia o da sua infância.

“Há três anos achava que não estava a chegar a Macau, que tinha errado no rumo. A única coisa que me consciencializou que estava a chegar a Macau foi o facto de termos a Igreja da Penha quando entramos no Porto”, recordou com um sorriso. Passados 57 anos, desde que tinha 12 e andava no colégio, à sua volta “as casas estão cada vez mais altas, o lugar ficou pequeno, com muitas pessoas na rua”. Mas avança, “a gente gosta sempre” de voltar a casa, sobretudo porque “vê todas as pessoas que não vemos faz muito tempo”.

Durante a visita à Igreja de São Domingos as lembranças que chegam são as dos tempos em que estudava no Colégio de Santa Rosa. “Juntávamo-nos por causa das congregações. Vinhamos, fazíamos as orações, preparávamo-nos para as sessões, era assim bem interessante à época, pelo menos, porque não tínhamos nada para fazer, não estava tão modernizado como agora”, descreveu.

Numa lista onde cabe um cenário transformado e os lugares da memória que ainda persistem está a vontade de visitar também a Igreja de Santo António. “Quando estava cá era devota de Santo António e todas as terças-feiras ia rezar na igreja”, partilhou Gabie Córdova.

SABORES DA INFÂNCIA. A comida é uma das saudades que guardou. Uma saudade partilhada por muitos macaenses. Os “cheiros da infância” e os sabores são também memórias que nos regressos procuram encontrar espaço. “Os macaenses como saem [do território], vão aos restaurantes chineses, mas não é a mesma coisa e então em Macau dá para voltar aos sabores da infância”, avançou, por sua vez, Maria da Conceição Calvete, que está pela primeira vez no território, ressaltando a importância da comida.

Casada com Manuel Tomé, nascido em Macau, sabe que “a característica dos macaenses é estarem pelo mundo inteiro, mas sempre com o coração em Macau”. E acrescenta que neste regresso, depois de tantos anos, “é interessante ver a emoção dele.” “Havia ali um edifício com friso onde ele fazia corrida de carrinhos com os amigos”, lembrou.

Chamava-se “Caixa Escolar, agora fizeram aquilo inclinado, em miúdo brincava lá com carrinhos”, recordou Manuel Tomé, que regressa pela primeira vez a Macau depois de ter deixado o território quando tinha 16 anos.

O pai, escrivão de Direito, foi com uma licença graciosa para Portugal. Como tantos jovens partiu. Muitos voltaram. Manuel Tomé apaixonou-se e por lá ficou, trabalhou, e agora regressou para “ver os amigos” de uma infância passada em Macau. Ainda estudou por cá no Liceu Infante D. Henrique e não tem dúvidas que “era um liceu exigente, como os melhores de Portugal”.

Manuel Tomé também está perante um novo quadro do território. Entre edifícios que já desapareceram e deram lugar a outros gigantes, há ainda lojas porta sim, porta sim, referiu, acrescentando que viveu na zona de São Lourenço, antiga zona portuguesa onde estavam os armazéns.

Por memórias antigas e pelas novidades de Macau, os macaenses da Diáspora foram conduzidos por uma guia do Instituto Cultural, mas não deixaram de arriscar conhecer por si mais alguns sabores da sua terra.





[\[Alto\]](#) [\[Anterior\]](#) [\[Voltar\]](#) [\[Próximo\]](#)



[HOME](#) . [E-MAIL SERVIÇO GERAL](#) . [E-MAIL SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS](#) . [FICHA TÉCNICA](#) . [EDIÇÕES ANTERIORES](#) . [PUBLICIDADE](#) . [PRIMEIRA](#)

[Passagens Aéreas](#)

Compare Preços de Passagens Aéreas em um Único Site. Confira!

[Compras com Descontos](#)

Compras com descontos incríveis. Até 70% de desconto. Aproveite!

Anúncios **Google**

Copyright (c) Jornal Tribuna de Macau, All rights reserved
Design and maintainence by [Directel Macau Ltd](#)